

O problema do *Eu penso* kantiano e a crítica de Hegel

Júlia Sebba Ramalho *

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo abordar a análise e a crítica de Hegel referente à temática do *Eu penso* em Kant. Primeiramente, baseando-nos sobretudo na “Doutrina do Conceito” de Hegel, analisaremos a sua interpretação acerca da relação estabelecida por Kant entre o *Eu transcendental* e os conceitos puros do entendimento. Na segunda parte analisaremos a crítica de Hegel ao argumento de Kant na “Dedução Transcendental das Categorias” de que o *Eu penso* e as categorias devem necessariamente se submeter ao dado sensível. Como veremos, a análise de Hegel acusa incessantemente a Kant de estabelecer o conhecimento como finito e subjetivo.

Palavras-chave: *Eu penso*; categorias; sensibilidade; finitude; subjetivismo.

Abstract

This paper aims to deal with the Hegel's analysis and criticism to the theme of *I think* in Kant. In the first part, based at the Hegel's "Doctrine of the Concept", we review his interpretation on the link made by Kant between the *Transcendental Self* and the concepts of pure understanding. In the second part, we will examine the Hegel criticism to Kant argument on "Transcendental Deduction of Categories" that the *I think* and the categories must necessarily refer to the sensitive data. As we shall see, the Hegel analysis complains incessantly to Kant for establishing the knowledge as finite and subjective.

Keywords: *I think*; categories; sensitivity; finiteness; subjectivism.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Goiás.

O principal problema encontrado por Hegel na filosofia teórica de Kant e que está pressuposto em todas as suas críticas pontuais é a distinção entre fenômeno e coisa em si. Esta distinção, segundo Hegel, é problemática e leva a filosofia teórica de Kant a insuficiências no que tange à investigação acerca da verdade.

La filosofía kantiana es teóricamente la Ilustración elevada al plano metódico, basada en la tesis de que el hombre no puede conocer ninguna verdad, sino solamente los fenómenos; hace penetrar la ciencia en la conciencia y en la conciencia de sí, pero se aferra a este punto de vista, *como un conocer subjetivo y finito*. Aunque llegue a tocar ya la Idea infinita, y aunque exprese sus determinaciones formales, llegando al postulado concreto de ellas, vuelve a rechazarla como verdad, para convertirla *en algo puramente subjetivo*, desde el momento en que acepta *el conocimiento finito como el punto de vista fijo y último*. Esta filosofía pone punto final a la metafísica intelectual, en cuanto dogmatismo objetivo; pero lo que hace en realidad es convertirla simplemente en un *dogmatismo subjetivo*, es decir, en una conciencia en la que persisten, traducidas, las mismas *determinaciones finitas del entendimiento*, descartando el problema de lo que es verdad en y para sí (Hegel, 2002, p. 420).

A separação entre coisa em si e fenômeno operada na obra kantiana gera, para Hegel, dois problemas fundamentais que se inter-relacionam e se interdeterminam intimamente: (1) a finitude do conhecimento e (2) o subjetivismo do conhecimento. O fato de a filosofia de Kant admitir que o sujeito só possa conhecer fenômenos, ou seja, aquilo que aparece a ele, conduz, inevitavelmente, (1) à afirmação de que não se pode conhecer a verdade, o absoluto dos objetos está para além do alcance humano e (2) à afirmação de que todo o conhecimento não é aquele que provém do *em si* das coisas, mas sim das articulações determinantes internas ao próprio sujeito.

Para Hegel, a primeira e principal incoseqüência da distinção kantiana entre fenômeno e coisa em si é admitir apenas a experiência sensível como o terreno do conhecimento e descartar a possibilidade do conhecimento do absoluto. “A filosofia crítica tem em comum com o empirismo admitir a experiência como o único terreno dos conhecimentos; que, aliás, ela não reconhece por verdades, mas somente por conhecimentos de fenômenos” (Hegel, 2000, p. 112). É justamente aí que se encontra a negação da verdade e a finitude da teoria do conhecimento de Kant. A elevação da experiência sensível como o critério da veracidade do conhecimento dos objetos em Kant é, para Hegel, o “calcanhar de Aquiles” de sua teoria e o que a rebaixa de qualquer pretensão especulativa para o

Trilhas Filosóficas

nível da simples descrição empirista. Por outra parte, a negação do *em si* e da verdade absoluta dos objetos, como resposta de Kant ao dogmatismo da Metafísica, leva-o a instituir o sujeito como o critério absoluto do conhecimento. O fato de ser o sujeito quem determina e regula o conhecimento objetivo sugere para Hegel a constatação de uma unilateralidade e de uma dicotomia na obra de Kant. Isso porque, de um lado, no inalcançável, se tem a verdade da coisa em si, e de outro lado, na finitude da experiência empírica se tem as determinações do sujeito. A recusa da pesquisa tradicional acerca das essências e a conseqüente premência da fenomenalidade dos objetos em Kant destacam o sujeito como o verdadeiro absoluto do conhecimento.

Es, pues, el concepto absoluto que se piensa a sí mismo a través de esta filosofía, de tal modo que toda esencialidad cae, ahora, dentro de la conciencia de sí: el idealismo, que reivindica para la conciencia de sí todos los momentos del en sí, *pero que, por su parte, lleva adberida todavía una contradicción, en cuanto que sigue distinguiendo o separando todavía de sí mismo este en sí*. Dicho de otro modo: la filosofía kantiana hace que la esencialidad recaiga de nuevo en la conciencia de sí, pero no es capaz de infundir realidad alguna a esta esencia de la conciencia de sí o a esta conciencia pura de sí, *ni es capaz tampoco de poner de manifiesto en ella misma el ser* (Hegel, 2002, p. 420).

O problema, para Hegel, não é a participação do sujeito no processo de produção do conhecimento – o famoso giro copernicano de Kant –, mas sim o fato de este sujeito ser finito, estar adstrito à experiência sensível tão somente e estar não só distante, mas completamente alheio à verdade *em si* das coisas. É isso precisamente o que configura a dicotomia e a contradição não resolvida na obra teórica kantiana e todo este problema pode ser caracterizado pelo fato de o sujeito conhecer somente fenômenos.

A crítica a esta dicotomia é a base das críticas pontuais de Hegel ao projeto de Kant. No aspecto que nos interessa, Hegel acusa Kant de rebaixar a descoberta do *Eu Puro Transcendental* ao dado empírico, como condição imprescindível do conhecimento, e de renegar ao *Eu* a possibilidade de conhecimento de si, uma vez que ele é carente da afetação do dado empírico. A necessidade de submeter toda a possibilidade do conhecimento em última instância à experiência sensível e às determinações subjetivas unilaterais constitui o centro das críticas de Hegel à filosofia teórica de Kant. No presente trabalho dividiremos nossa análise da crítica hegeliana ao problema do *Eu* em duas partes, mostrando as interpretações pontuais que Hegel confere ao argumento kantiano sobre o *Eu Penso*. Na primeira parte, mostraremos o reconhecimento de Hegel ao fato de Kant

ter estabelecido o *Eu* como a origem dos conceitos e atribuir a unidade dos conceitos e sua validade objetiva à unidade e objetividade do *Eu*. Na segunda parte, mostraremos, com base na acusação recorrente de Hegel de que (1) a filosofia kantiana é finita e (2) é uma filosofia subjetivista, que a descoberta do *Eu* possui suas contradições, uma vez que (1) rebaixa o *Eu* necessariamente ao dado da intuição sensível e (2) estabelece o *Eu* como vazio.

1. A unidade do *Eu Penso* e a unidade do conceito

Hegel louva Kant em ter estabelecido o *Eu* como a *unidade sintética originária* do entendimento. Segundo ele, uma das opiniões mais profundas da “Crítica” é aquela que afirma que a unidade, que constitui a essência do conceito, provém da *unidade originariamente sintética da apercepção*. Desse modo, os conceitos, como funções do entendimento, possuem sua origem no *Eu*, e não são algo externo a ele. A representação habitual fala do intelecto que “eu tenho”, como se se entendesse pelo intelecto ou entendimento uma faculdade ou propriedade do *Eu*, exterior e separado dele. Segundo esta representação habitual, os conceitos são exteriores ao *Eu*, são suas propriedades, tais como as coisas possuem suas propriedades externas. Mas Kant, segundo Hegel:

Ha superado esta relación extrínseca del intelecto, como facultad de los conceptos y del concepto mismo y ha llegado hasta el *yo*. Una de las opiniones más profundas y más correctas que se hallan en su *Crítica de la Razón*, es la que afirma que la *unidad*, que constituye la *esencia del concepto*, tiene que ser reconocida como la unidad *originariamente-sintética de la apercepción*, es decir, como la unidad del: *Yo pienso*, o sea de la autoconciencia (Hegel, 1970, p. 517).

Para Hegel, Kant acertou ao estabelecer o *Eu* como tema central de sua investigação sobre os conceitos puros do entendimento. Na “Doutrina do Conceito” da *Ciência da lógica*, Hegel está preocupado em definir o conceito, ou seja, em investigar o conceito do conceito por meio de sua dedução imanente (Cf. Hegel, 1970, p. 516). Para tanto, afirma que o conceito, em sua existência livre, não é outra coisa que o *Eu*, a pura consciência de si mesmo. “Yo tengo, sin duda, conceptos, es decir, determinados conceptos; pero el yo es el puro concepto mismo, que, como

Trilhas Filosóficas

concepto, ha alcanzado la existencia” (Hegel, 1970, p. 516). A investigação sobre os conceitos puros, portanto, passa pela investigação sobre a natureza do *Eu*. Segundo Hegel, as determinações fundamentais que constituem a natureza do *Eu*, constituem também a natureza do conceito, são as determinações de unidade e universalidade (Cf. Hegel, 1970, p. 516).

Desse modo, apesar de Hegel ter criticado Kant por ter apenas “recolhido” a tábua das categorias da tábua da Lógica habitual, sem as ter deduzido propriamente na “Dedução Metafísica das Categorias”, ele louva Kant por ter estabelecido o *Eu* como a verdadeira origem das determinações-de-pensamento, como a verdadeira fonte dos conceitos puros do entendimento. Assim, o núcleo do raciocínio da “Dedução Transcendental das Categorias” é aprovado por Hegel.

O *Eu*, para Hegel, sintetiza as representações dos objetos, unifica o dado sensível - em linguagem kantiana, o *Eu* exige uma síntese, sua unidade exige a unidade das representações nos conceitos, daí ele ser uma *unidade originariamente sintética da apercepção*. Hegel concorda, desse modo, com Kant quando este afirma que a síntese e a unificação das representações acompanham necessariamente o *Eu*, uma vez que para Hegel: “El concebir un objeto, en realidad, no consiste en otra cosa sino en que el yo se lo apropia, lo penetra, y lo lleva a su propia forma, es decir, a la universalidad que es de inmediato determinación, o la determinación que de inmediato es universalidad” (Hegel, 1970, p. 517). O *Eu* atua no pensamento, sintetizando o dado múltiplo das representações, por meio dos conceitos, ele unifica estas representações; *Eu* e pensar, *Eu* e sintetizar - esta atividade puramente intelectual do *Eu* lhe é inseparável. Esta síntese que o *Eu* *Penso* engendra e que é operada no entendimento é justamente o que irá conceder validade objetiva à autoconsciência e, conseqüentemente, às categorias e a justificativa kantiana da validade objetiva das categorias também é admitida por Hegel.

Na *Ciência da lógica*, Hegel diz: “Por consiguiente esta unidad de la conciencia es la que por sí sola constituye la relación de las representaciones con un objeto, y con eso su valor objetivo, y sobre la cual se funda también la posibilidad del entendimiento” (Hegel, 1970, p. 517). O fato de Kant estabelecer a validade dos conceitos, o seu critério de referência aos objetos, no próprio *Eu* é algo considerável. Os conceitos têm sua origem no *Eu* e o seu critério de referência aos objetos tem também origem propriamente na validade objetiva do *Eu*, no fato de que o *Eu* se refere necessariamente aos objetos. Assim: “los principios de la determinación *objetiva* de las representaciones tendrían que ser deducidos únicamente de la proposición fundamental de la *unidad transcendental de la apercepción*” (Hegel, 1970, p. 517).

O núcleo do objetivo de Kant a respeito da “Dedução Transcendental das Categorias” é louvado por Hegel: Hegel admite a descoberta kantiana de que a referência dos conceitos puros do entendimento aos objetos tenha sua origem na objetividade do *Eu*.

El objeto por lo tanto tiene esta objetividad en el *concepto*, y este es la *unidad de la autoconciencia*, en la que el objeto ha sido acogido; su objetividad, o sea el concepto, no es, por ende, otra cosa que la naturaleza de la autoconciencia, y no tiene otros momentos o determinaciones que el *yo* mismo (Hegel, 1970, p. 518).

Este reconhecimento de Hegel, no entanto, é acompanhado de uma crítica ao fato de que apesar de o *Eu transcendental kantiano* conferir validade objetiva aos conceitos puros do entendimento, ele é ao mesmo tempo condicionado pelo dado da sensibilidade, uma vez que as categorias, e também o *Eu* que as funda, só possuem efetividade com o impulso da sensibilidade.

2. O rebaixamento do *Eu* e das categorias

Junto ao reconhecimento de Hegel ao fato de que o *Eu* é a origem dos conceitos e confere a estes sua unidade e objetividade, vai a crítica de Hegel ao fato de este *Eu* kantiano e as categorias (1) só adquirirem conteúdo por meio do dado da sensibilidade e, portanto, (2) serem vazios, puras formas. Na base da primeira acusação está a acusação geral de Hegel de que a filosofia teórica de Kant é uma filosofia finita, que não considera o *em si* das coisas, mas tão somente a fenomenalidade dos objetos. E a segunda acusação vai ao encontro da acusação geral de Hegel de que a filosofia kantiana é subjetivista, de que o sujeito concede somente formas transcendentais ao conjunto da experiência.

La exposición kantiana citada, contiene todavía dos lados, que se refieren al concepto, y hacen necesarias algunas ulteriores observaciones. Ante todo, *al grado del intelecto* se hacen preceder *los grados del sentimiento y de la intuición*, y es un principio esencial de la filosofía transcendental de Kant, el que afirma que *los conceptos sin intuición son vacíos*, y que tienen valor sólo como *relaciones* de lo *múltiple* dado por la intuición. En segundo lugar, el concepto ha sido declarado como lo *objetivo* del conocimiento y, por lo tanto, como la *verdad*.

Trilhas Filosóficas

Pero, por otro lado, este concepto es considerado como algo *puramente subjetivo*, de onde la *realidad* (y con este nombre hay que entender la objetividad, pues se ja contrapone a la subjetividad) no puede ser *extraída*. Y en general el concepto y el elemento lógico son declarados como algo puramente *formal* que, por hacer abstracción del contenido, no contiene la verdad (Hegel, 1970, p. 518).

Muito bem resumida é esta crítica de Hegel em torno do argumento de Kant sobre o *Eu Transcendental*. Trataremos agora destes dois aspectos da crítica de Hegel separadamente, apesar de que eles se entrelacem. Primeiramente, tratemos da acusação de Hegel de que a filosofia kantiana teórica é finita, pois tem o imperativo de submeter o conhecimento e o *Eu Penso* ao dado empírico.

2.1. A finitude do *Eu* e das categorias

O problema da relação entre o entendimento e a sensibilidade, para Hegel, possui dois pontos: em primeiro lugar, deve-se investigar em que consiste precisamente esta sensibilidade, quais são efetivamente os graus ou faculdades que antecedem o entendimento. Em segundo lugar, o que se deve considerar é, e isto é de fato o mais importante, qual é a relação entre estes graus anteriores e o grau do entendimento que comporta o *Eu Penso*.

Na *Ciência da lógica*, Hegel afirma que o que antecede a doutrina acerca dos conceitos são as doutrinas do ser e da essência. Na *Fenomenologia*, por outro lado, se chega até o entendimento por meio da passagem pela consciência sensível e pela percepção. Mas, continua ele, na psicologia empírica e também na teoria kantiana são a intuição e o sentimento o que precede o entendimento. Juntamente à caracterização destes graus que antecedem o entendimento está a caracterização da relação destas faculdades com o intelecto, que comporta propriamente o *Eu Penso*.

É justamente neste aspecto que entra a crítica de Hegel e a sua acusação que identifica a filosofia teórica de Kant, que disserta acerca do *Eu Penso*, com a psicologia empírica.

Tanto en la común representación psicológica, como en la filosofía transcendental de Kant, se admite *esta relación* en el sentido que la *materia* empírica, esto es lo múltiple de la intuición y la representación, primeramente tendría existencia *por sí*, y que después el intelecto se *acercaría* a ella, le llevaría la *unidad*, y la elevaría por medio de la *abstracción*, a la forma de la *universalidad*. [...] El concepto, en una y en otra actividad, no es lo independiente, no es lo esencial y lo verdadero de aquella materia

preexistente, que es más bien en sí y por sí la realidad, que no se deja extraer del concepto. (Hegel, 1970, p. 519)

Esta passagem da “Doutrina do Conceito” explicita bem o problema de Hegel com a relação estabelecida por Kant entre a sensibilidade e o entendimento. Ora, o problema não é que dentre as faculdades humanas necessárias para a formação do conhecimento estejam incluídas a sensibilidade, a intuição, o sentimento etc. Mas sim que estas faculdades primárias “primeramente tendría existencia por sí, y que después el intelecto se acercaría a ella”. Com esta caracterização geral, a relação entre sensibilidade e entendimento fica, desse modo, dominada pela primeira e esta passa a constituir a origem do conhecimento. Assim, a relação descrita por Kant como constituidora do conhecimento consiste em que a matéria fornecida pela sensibilidade possui primeiramente existência por si mesma e somente depois é que o entendimento, mais especificamente as categorias baseadas no *Eu*, se apodera dessa matéria e a unifica. A função de síntese das categorias e do *Eu Penso* aplaudida por Hegel outrora permanece, entretanto submetida ao dado empírico, à afetação material dos fenômenos.

Hegel aproxima, portanto, o tratamento da filosofia kantiana acerca da relação entre sensibilidade e categorias e *Eu Penso* à descrição da psicologia empírica. “Y luego, la filosofía kantiana se ha detenido solamente en el *reflejo psicológico del concepto* y vuelto otra vez a la afirmación de la permanente dependencia condicional del concepto con respecto a la multiplicidad de la intuición” (Hegel, 1970, p. 521 [grifos nossos]). Desse modo, Hegel afirma que Kant não procura a causa ou o fundamento da verdade *em si e por si*, mas apenas procura descrever *o modo como ocorre o processo do conhecimento*, identificando a origem do saber com a afetação do dado sensível.

Cuando no se trata de la *verdad*, sino solamente de la *historia* o sea de la manera cómo pasan las cosas en el representar y en el pensar fenoménico, entonces puede uno por cierto limitarse a narrar que empezamos con sentimientos e intuiciones, y que el intelecto extrae de la multiplicidad de aquéllos una universalidad o abstracción, y que, como se comprende, necesita para esto de aquella base que, todavía en este abstraer, conserva, para la representación, toda la realidad, con que se presentó al comienzo (Hegel, 1970, p. 521).

Segundo Hegel, a filosofia teórica de Kant se limita, como a psicologia empírica, a apenas descrever o processo do conhecimento, se limita a dizer que a sensibilidade fornece a matéria das representações e que

Trilhas Filosóficas

apenas posteriormente o entendimento, baseado na *apercepção pura* e por meio das categorias, apreende esta matéria e a unifica de modo a representar conceitualmente o objeto. Hegel chega a afirmar que: “Un error capital que reina aquí consiste en creer que *el principio natural o sea el comienzo*, de onde se parte en el desarrollo natural o en la historia del individuo que se va formando, sea lo verdadero, y lo primero en el concepto” (Hegel, 1970, p. 520 [grifos nossos]).

A afirmação de que o conhecimento tem sua origem propriamente na experiência sensível leva Kant a elevá-la a critério da verdade. Toda a exposição acerca da função lógica das categorias e dos juízos – de que estas operam a síntese intelectual do dado diverso da sensibilidade e conferem esta síntese ao *Eu Transcendental*, que é de fato o fundamento desta operação – torna-se secundária quando Kant afirma que “a categoria não tem outro uso para o conhecimento das coisas que não seja a sua aplicação a objetos da experiência” (Kant, 1994, p. 146). Esta última proposição da filosofia kantiana a iguala ao empirismo e, Hegel insiste, ao empirismo de Hume. Ora, a afirmação de que as categorias, que contém as determinações de universalidade e de necessidade, conferem unidade à matéria bruta e são a despeito disto submetidas em última instância a esta matéria “não é posto em contestação no ceticismo de Hume: que no conhecimento se encontram as determinações de universalidade e de necessidade. Na filosofia kantiana isso também não é outra coisa que um fato pressuposto” (Hegel, 2000, p. 112). Afirmar que o *Eu Penso* e o conceito trazem a matéria sensível para a universalidade, unificando-a, faz a filosofia kantiana caminhar rumo à *Idéia* especulativa, mas em contrapartida, afirmar que o conceito e o *Eu* submetem-se ao dado fornecido pela sensibilidade aproxima o projeto crítico inevitavelmente do empirismo: “A filosofia crítica tem em comum com o empirismo admitir a experiência como o único terreno dos conhecimentos; que aliás ela não reconhece por verdades mas somente por conhecimentos de fenômenos” (Hegel, 2000, p. 113).

Para Hegel, Kant não somente vê precisamente na experiência o próprio começo, a origem efetiva do saber (o que o aproxima da psicologia empírica), mas ainda eleva a experiência sensível como o critério da verdade (o que o aproxima da filosofia de Hume) e nega ao sujeito a possibilidade do conhecimento do absoluto.

Toda esta argumentação de Hegel contra Kant se baseia no fato de que ele concebe o conceito como o verdadeiramente especulativo, como aquele que ultrapassa o dado sensível conservando-o, mas de todo modo superando-o. O conceito para Hegel, que possui sua unidade como a unidade do *Eu Penso* e que penetra o dado sensível unificando-o,

modificando-o e elevando-o até a universalidade e necessidade não deve de modo algum se submeter e aplicar-se restrita e necessariamente ao dado da experiência sensível, pelo contrário, deve ele constituir o verdadeiro, o essencial.

En efecto, la realidad, que el concepto se da, no debe ser tomada como algo extrínseco, sino ser deducida, según las exigencias científicas de él mismo. [...] El pensamiento abstractivo, por ende, no debe considerarse solamente como un poner de lado la materia sensible, que por eso no sufriría ningún perjuicio en su realidad, sino que más bien constituye la superación y la reducción de aquélla, considerada como pura *apariencia*, a lo *esencial*, que se manifiesta sólo en el *concepto* (Hegel, 1970, p. 520).

Esta concepção de Hegel de que o conceito seja o verdadeiro, o especulativo que engloba infinitamente todos os momentos precedentes e primários não se encontra apenas na *Ciência da lógica*. Na *Fenomenologia do Espírito*, os momentos da consciência levam-na até o saber absoluto superando os estágios inferiores pelos quais ela passa: certeza sensível, percepção, entendimento. Neste processo, o saber vai cada vez mais se distanciando e se desvencilhando do saber empírico, do dado natural e imediato. Cada vez mais o saber toma a forma de um puro saber, que engloba todos estes momentos precedentes necessários, mas se dirige não rumo à finitude da sensibilidade e sim rumo ao infinito, ao saber absoluto de si mesmo.

Desse modo, para Hegel, os graus da sensibilidade e da intuição que apenas iniciam o processo do conhecimento, não devem ser considerados o critério e a matéria da realidade, mas sim as próprias categorias e o *Eu Penso*, tal como Kant os conceituou no início de sua “Dedução Transcendental das Categorias”, é que devem constituir o todo do conhecimento, o verdadeiro. Segundo Hegel, se Kant tivesse permanecido neste estágio do desenvolvimento de sua concepção, teria chegado perto do desenvolvimento da *Idéia* especulativa.

Siempre se notará con asombro que la filosofía kantiana, que reconocía aquella relación del pensar con la existencia sensible, en la que se detuvo, como una relación solamente relativa y de pura apariencia, y reconocía y expresaba muy bien una unidad más alta de ambos en la *idea* en general (por ejemplo, en la idea un intelecto intuitivo), se haya sin embargo detenido en aquella relación relativa, y en la afirmación de que el *concepto* se halla y queda separado en absoluto de la realidad. (Hegel, 1970, p. 524)

Trilhas Filosóficas

Assim, para Hegel, o problema é que além de Kant estabelecer a finitude do conhecimento, ou seja, afirmar que todo o conhecimento está submetido e restrito apenas ao dado da sensibilidade, ele, por outro lado, estabelece a atividade do conceito como puramente formal, como completamente ausente de conteúdo e, como ele diz “separado en absoluto de la realidad”. Vejamos agora este segundo aspecto da crítica de Hegel, que constitui sua acusação do subjetivismo da filosofia kantiana.

2.2. A unilateralidade do *Eu* e das categorias

Como vimos no tópico 1, Hegel louva Kant por ter estabelecido a *unidade originária* do *Eu* como a unidade dos conceitos puros do entendimento. No entanto, o que ocorre é que Hegel recrimina Kant por estabelecer este *Eu* como “completamente vacío, lo absolutamente indeterminado, abstracto” (Hegel, 2002, p. 428). De fato, para Kant, o *Eu Penso* é apenas uma “representação simples e, por si só, totalmente vazia de conteúdo, da qual nem se pode dizer que seja um *conceito* e que é apenas uma mera consciência que acompanha todos os conceitos” (Kant, 1994, p. 404), uma pura unidade analítica. O *Eu Penso* em Kant, justamente por ser absolutamente isento de qualquer determinação empírica, de qualquer referência à sensibilidade, é uma consciência puramente intelectual e vazia de conteúdo. Ora, como vimos no tópico anterior, para Kant, o único conteúdo que todas as determinações do conhecimento, ou os conceitos puros do entendimento, podem ter é um conteúdo empírico, sensível. Desse modo, como afirma Stanguennec, a acusação de Hegel do “empirismo” de Kant está entrelaçada com a sua acusação do “idealismo subjetivo” da obra teórica kantiana, que disserta apenas sobre determinações *formais* do sujeito.

Inapte à déduire la matière différenciée de la forme conceptuelle, la philosophie oscille entre l’empirisme (posant la matière en dehors de la forme au point de nier l’apriorité de celle-ci) et le formalisme aprioriste (posant la forme conceptuelle comme extérieure et hétérogène au contenu intuitif a priori de sa matière). (Stanguennec, 1985, p. 89)

O problema para Hegel é que, apesar de as categorias, que possuem sua origem no *Eu Penso*, constituírem a objetividade do conhecimento, “por outro lado, este concepto es considerado como algo puramente subjetivo, de donde la realidad [...] no puede ser extraída” (Hegel, 1970, p. 518). Temos nesta afirmação dois pontos: (1) o conceito é considerado apenas como algo

puramente subjetivo e (2) por isso o conceito kantiano não abarca a verdade.

No que diz respeito ao primeiro ponto, Hegel considera a objetividade dos conceitos puros do entendimento, que é fundamentada na objetividade do *Eu Penso*, como algo que perde todo o seu vigor, uma vez que tal objetividade é em Kant meramente subjetiva. Expliquemos. Em Kant, o objetivo, ou seja, as determinações que se referem ao objeto, nem infimamente provêm dos próprios objetos, mas tão somente das determinações do sujeito, que são formais e, portanto unilaterais. Esta unilateralidade das determinações subjetivas se estabelece na obra kantiana, segundo Hegel, uma vez que as determinações provindas dos próprios objetos, que poderiam de todo modo se constituir como determinações do conhecimento, são descartadas por Kant. Assim, a obra teórica de Kant disserta apenas acerca das determinações no interior do sujeito, que constituem condições de possibilidade do conhecimento e se tornam desse modo, “objetivas”. Estas determinações, pelo fato de Kant, como vimos no tópico anterior, conceder sua realidade ao complemento do conteúdo empírico, são determinações puramente vazias, são formas: as formas puras da sensibilidade, as formas dos conceitos puros do entendimento e ainda a pura forma do *Eu Penso*. No aspecto que aqui nos interessa, as categorias e o *Eu Penso* kantiano apenas operam uma síntese, por meio de suas puras formas, ao dado, proeminente, da sensibilidade. “De um lado, é por meio das categorias que a percepção simples é elevada à objetividade, à experiência. Mas, de outro lado, esses conceitos, como *unidades simples da consciência subjetiva* são *condicionados* pela matéria dada, são *para si vazios* e têm sua aplicação e emprego unicamente na experiência” (Hegel, 2000, p. 114 [grifos nossos]).

Esta unilateralidade das formas puras das categorias e do *Eu*, instauram, segundo Hegel, na obra kantiana, uma dicotomia entre forma e matéria. Segundo Stanguennec, a separação entre forma e matéria é uma crítica central que Hegel concede à “dedução objetiva das categorias”. O problema é que estabelecidos a forma de um lado e a matéria da realidade de outro, o momento do conhecimento se traduz apenas em uma relação mecânica que conforma o dado empírico à forma das categorias e do *Eu*. Para Hegel, na “dedução objetiva”, nada unifica estes dois extremos necessários para o conhecimento, nem mesmo a pura forma do *Eu*, que serve de fundamento último para o processo de síntese objetiva do conhecimento. “Ya la expresión *síntesis* lleva con facilidad de nuevo a la representación de una unidad *extrínseca* y una pura *vinculación* de aquéllos que *en sí y por sí* están separados.” (Hegel, 1970, p. 521) O problema para Hegel é

Trilhas Filosóficas

então que aquela *unidade primária e sintética* do *Eu* só entra em ação, só funciona efetivamente se se conformar mecanicamente a um conteúdo trazido de fora. Assim, para Hegel, Kant toma o conhecimento como uma junção superficial de opostos além de separados, absolutamente incongruentes, e este conhecimento é então além de finito (por se basear na empiria), um conhecimento unilateral, que considera apenas as determinações subjetivas do sujeito.

O problema central desta crítica de Hegel e o que nos conduz ao segundo ponto tratado neste tópico é o fato de que o *Eu* kantiano e as categorias sejam puros vazios subjetivos e que esta unilateralidade, juntamente com o fato de o conteúdo real provir apenas da sensibilidade, desproporciona ao sujeito a possibilidade de ele conhecer a verdade *em si e para si*.

En realidad, en lo que hemos visto sólo se describe la *conciencia de sí empírica, finita*, que necesita una materia traída de fuera, es decir, que es limitada. No se pregunta si estos conocimientos son o no verdaderos en y para sí, con arreglo a su contenido; *todo lo conocimiento se mantiene dentro de la subjetividad y, al otro lado, se halla, como algo exterior, la cosa en sí*. (Hegel, 2002, p. 423 [grifos nossos]).

Assim, o idealismo subjetivo de Kant, o fato de ele centrar todas as determinações da verdade no sujeito, e ainda na formalidade do sujeito, conduz a “Lógica Transcendental”, que possui seu fundamento no *Eu Penso*, a uma limitação quanto ao conteúdo verdadeiro, absoluto e especulativo. O *Eu Penso* kantiano além de ser vazio e puramente formal, é limitado tão somente à matéria sensível e não pode abarcar a realidade transcendente. Ele serve apenas para a síntese operada pelo entendimento, que permanece meramente no âmbito das determinações subjetivas e finitas.

En la *síntesis a priori* del concepto, Kant poseía un principio más elevado, en el que la dualidad podía ser reconocida en la unidad, y por lo tanto podía reconocerse lo que se necesita para la verdad. Pero la materia sensible, es decir, lo múltiple de la intuición le apremiaba demasiado, para que pudiese liberarse de él, y llegar a la consideración del concepto y de las categorías *en sí y por sí*, y a un filosofar especulativo. (Hegel, 1970, p. 525)

Para Hegel, se Kant houvesse permanecido na *unidade originária* estabelecida por ele como o fundamento do *Eu* na “Lógica Transcendental”, e não ter acrescentado a esta *unidade primeira* a necessidade do dado sensível e a formalidade unilateral, Kant teria chegado perto do filosofar especulativo e da superação de seu dualismo entre fenômeno e

coisa em si, sujeito cognoscente e realidade objetiva absoluta. O que ocorre é que Hegel baseia-se em suas investigações da *Ciência da lógica* para conceder esta crítica a Kant. Ora, para ele, a forma lógica do conceito, além de não se restringir ao dado da sensibilidade, como vimos no tópico anterior, não é ausente de conteúdo, puramente formal e adstrita apenas às determinações interiores do sujeito. A crítica de Hegel então a este *rebaixamento* da idéia original e fecunda da unidade do *Eu* é uma crítica geral à Lógica kantiana que se baseia na separação dicotômica entre fenômeno e coisa em si e, conseqüentemente, na recusa concedida ao sujeito do conhecimento da verdade do absoluto.

La lógica misma es, de todas maneras, la ciencia *formal*; pero es la ciencia de la *forma absoluta*, que en sí es totalidad, y contiene la *pura idea de la verdad misma*. Esta forma absoluta tiene en sí misma su contenido o realidad; el concepto puesto que no es la identidad trivial, vacía, tiene las diferentes determinaciones en el momento de su negatividad, o sea del absoluto determinar; el concepto no es, en general, otra cosa que tales determinaciones de la forma absoluta – es el contenido que está puesto por la forma misma y que, por ende, es también su contenido apropiado. Esta forma, por consiguiente, es también de muy otra naturaleza que la considerada de ordinario como la forma lógica. Es ya *por sí misma la verdad*, puesto que este contenido es apropiado a su forma, o esta realidad a su concepto, y es la *pura verdad* porque sus determinaciones no tienen todavía la forma de un absoluto ser-otro o sea de la inmediación absoluta. (Hegel, 1970, p. 524)

O problema do *Eu Penso* kantiano é então que ele fundamenta conceitos absolutamente isentos de realidade e completamente formais à moda da “Lógica Tradicional”. Para acrescentar algo verdadeiramente frutífero à “Lógica”, Kant deveria ter estabelecido o conteúdo da pura forma lógica, tal como o próprio Hegel fez – somente desse modo, o *em si* dos objetos poderia ser abarcado pelo *Eu Penso* que unifica todas as representações por meio de suas categorias.

4. Conclusão

A crítica de Hegel à filosofia de Kant é algo que está pressuposto em toda a sua obra e que, sem dúvida, faz parte das premissas da construção geral de seu sistema. No presente trabalho, analisamos a crítica de Hegel

Trilhas Filosóficas

concernente a apenas um aspecto da obra de Kant e constatamos que Hegel acusa Kant de rebaixar a fecunda unidade do *Eu Penso* à matéria sensível e à pura formalidade. O problema geral do *Eu* é de todo modo muito debatido na modernidade filosófica e interessa bastante a Hegel. Descartes foi o grande instaurador desta temática ao estabelecer o *Cogito ergo sum*. No entanto, foi Kant propriamente quem conferiu a este *Cogito* o papel de grande articulador do conhecimento, ou melhor, da possibilidade do conhecimento. Desse modo, o *Eu* kantiano é, sobretudo, um *Eu Transcendental*, ou seja, um *Eu* inserido na temática da discussão acerca do conhecimento, e por isso, sua investigação passa pela investigação dos conceitos do entendimento. Como vimos, para Hegel, o problema do estabelecimento deste *Eu* por Kant é que ele o rebaixa ao dado sensível e ele é ainda, puramente formal. Esta acusação de Hegel ao *Eu Transcendental* está no centro de sua acusação geral à obra teórica kantiana: de que é uma obra finita e subjetivista, por considerar apenas a experiência como o critério da verdade e ainda descartar do *Eu Penso* a possibilidade do conhecimento do *em si*. No entanto, o problema mais básico deste *Eu*, e que não cabe a nós aqui investigar, é que ele possui um caráter apenas teórico, e toda a sua vinculação prática lhe é banida. Este é no fundo o problema mais latente no conjunto da obra kantiana: o fato de sua filosofia se dividir entre prática e teórica. Hegel não se esquivava desta crítica e, pelo contrário, afirma categoricamente que o *Eu* é um só, e não dividido em *Eu* teórico e *Eu* prático. Já na *Fenomenologia* a consciência de si mesmo, ou o *Eu*, possui estas duas dimensões, a da razão e a da vontade. Mas de qualquer modo esta crítica de Hegel ao fato de que Kant estabelece uma divisão no interior do *Eu* seria assunto para outro trabalho.

Referências

HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la lógica*. Buenos Aires: Solar; Hachette S.A, 1970.

HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das ciências filosóficas*. Lisboa: Edições 70, 2000.

HEGEL, G.W.F. *Lecciones sobre la historia de la filosofía III*. México: Fondo de Cultura Economica, 2002.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

STANGUENNEC, A. *Hegel critique de Kant*. Paris : PUF, 1985. (Philosophie d'aujourd'hui).